

DEMOCRACIAS, GOLPES E REVOLUÇÕES: CONEXÕES HISTÓRICAS

XVIII COLÓQUIO DE HISTÓRIA,
VIII COLÓQUIO DO PPGH

BERNAMBUCANOS

HISTÓRIAS DE VIDA NA ESCOLA: TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Matheus Siqueira Barboza

Mestrando em História (PGH/UFRPE)

matheus.siqueirabarboza@ufrpe.br

Resumo

O presente artigo traz os resultados parciais de uma pesquisa de dissertação de Mestrado em desenvolvimento sobre o uso da Tecnologia Social da Memória – entendida como uma metodologia do Museu da Pessoa para construção de projetos de Memória Social – em atividades de ensino e pesquisa em História Local, a partir da aplicação desta em colaboração com os estudantes da Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Monsenhor João Marques, município de Saloá-PE. Os resultados permitem dialogar com o que vem sendo debatido dentro dos estudos de História Local, perpassando questões da História Oral, da História Pública Digital e dos desafios que se colocam para a historiografia do século XXI. Para além dos resultados a nível educativo, a realização do projeto possibilitou a digitalização de dezenas de fontes de acervo pessoal e depoimentos de História Oral, que serão compartilhado com a comunidade através de um e-book, além dos resultados colaterais que possibilitaram a criação da página do Instagram “Projeto Memórias de Saloá”.

Palavras-chave: História Local. Ensino de História. Tecnologia Social da Memória.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Introdução

Quando se fala em Ensino de História Local uma das questões que se colocam é a dificuldade de encontrar materiais didáticos disponíveis para isso, mesmo que existam prescrições para o ensino desta em diferentes currículos, parâmetros e diretrizes. Geralmente o pouco que se encontra são materiais organizados pelas prefeituras, órgãos estaduais ou trabalhos de memorialistas que carregam em si um tom ufanista, valorizador das elites locais, das famílias fundadores e seu patrimônio, além de breves descrições geográficas (FONSECA, 2003).

É como forma de contornar esses problemas que professores-pesquisadores têm sugerido que a História Local seja trabalhada em uma perspectiva de acesso a lugares de memória, através da educação patrimonial e pela execução de projetos onde estudantes e professores trabalham em conjunto, enxergando a historicidade em seu cotidiano e construindo um maior senso de participação no curso de história (PAIM; PICOLLI, 2007; COSTA, 2019; FERNANDES, 1995).

Mas ao mesmo tempo em que essas propostas são feitas, outros autores têm discutido a própria noção de História Local, mostrando desafios a serem encarados pelos pesquisadores e professores, entre eles os cuidados para não entender a trajetória de uma parcela como representativas do todo, os cuidados com eventuais anacronismos, ufanismos, além das desconexões ou conexões inorgânicas feitas entre local, regional, nacional e internacional, e em certo ponto até mesmo alguns deles questionando a existência de uma dita História Local ou Regional (CAVALCANTI, 2018; CERRI, 2008; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2015).

Atentos a essas discussões dentro da pesquisa e do ensino de História Local observamos o trabalho do Museu da Pessoa, um museu virtual e colaborativo de histórias de vida, que através da sua metodologia, a Tecnologia Social da Memória, constrói projetos de Memória Social e dissemina gratuitamente sua metodologia para que qualquer grupo, instituição, empresa ou comunidade registre a sua própria história (MUSEU DA PESSOA, 2009) atendendo a critérios de baixo custo e alta replicabilidade, questionamos se essa metodologia seria viável em atividades de Ensino de História Local, e quais resultados poderiam ser obtidos a partir disso.

Sendo assim nosso objetivo inicial foi entender o que podemos chamar de História Local e como ela pode ser ensinada, além de analisar o trabalho do Museu da Pessoa e o funcionamento da Tecnologia Social da Memória à luz das discussões historiográficas, e por fim e de forma mais destacada, investigar a partir da aplicação prática quais as possibilidades que a inserção da Tecnologia Social da Memória apresenta para vivenciar conteúdos de História Local.

Metodologia

O projeto foi desenvolvido a partir de um curso de curta duração ofertado à Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Monsenhor João Marques, município de Saloá-PE, entre março e agosto de 2024 com estudantes do segundo ano. Ofertado de forma gratuita e por participação voluntária, o curso era dividido em dois módulos, sendo um deles teórico e o outro prático onde colocaríamos a Tecnologia Social em prática dentro do município.

Na etapa teórica foram vivenciadas seis aulas expositivas e dialogadas com o grupo de estudantes. Na primeira delas foram abordados os diferentes tipos de conhecimento, caracterizando a História como conhecimento científico e o papel das fontes históricas, além dos seus diferentes tipos (BOSCHI, 2007). Nas duas aulas seguintes foi apresentado o filme “Narradores de Javé” de Eliane Caffé (2004), abrindo as discussões sobre História Local, Patrimônio e discutindo aspectos metodológicos da História, além de comparar o enredo do filme com situações reais, a exemplo das remoções vividas nas cidades de Petrolândia com a construção de uma barragem.

Na terceira aula, após as discussões do filme, fizemos uma análise das informações históricas disponibilizadas na Web sobre a História do município, utilizando as informações contidas no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, no portal *Family Search*² e no *Wikipedia*³, além de percebermos como muitas fotografias e depoimentos encontrados na Web, especialmente os postados em redes sociais, careciam de referências e informações sobre a sua origem, e livros mencionados como base não estavam acessíveis ao público.

¹ Link de acesso para a página do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que fala sobre a História do Município de Saloá: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/saloa/historico>

² Página do Family Search dedicada ao município de Saloá: <https://www.familysearch.org/pt/wiki/Salo%C3%A1, Pernambuco, Brasil - Genealogia>

³ Página da Wikipedia sobre o município de Saloá: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Salo%C3%A1>

Na quarta aula os estudantes responderam um questionário sobre o que foi trabalhado até então e fizemos a correção de forma coletiva, a fim de assegurar a compreensão dos conceitos importantes para a realização do Projeto. Na aula seguinte foi apresentado o trabalho do Museu da Pessoa, apresentando o Website, algumas coleções e a Tecnologia Social da Memória (MUSEU DA PESSOA, 2009), e feita a proposta para a construção de um Projeto desse tipo em Saloá, momento em que o grupo decidiu que poderia ser interessante reunir as memórias em torno da Feira de Saloá, que já existe há muitas décadas, pretendendo construir um e-book como produto final a ser socializado com a comunidade.

Na dificuldade de encontrar depoentes que quisessem participar do Projeto votado, optamos por não necessariamente seguir um tema, mas aproveitar aqueles que estivessem disponíveis para participar. Assim começamos a aplicar a Tecnologia do Museu da Pessoa na segunda parte do curso. Em sua primeira etapa de aplicação, chamada “Construir Histórias”, o Museu da Pessoa propõe a construção de um projeto, a sondagem por possíveis depoentes, a identificação de patrimônios e fontes que ajudem a contar as histórias desejadas, elaboração dos roteiros de entrevistas e a realização das mesmas (MUSEU DA PESSOA, 2009).

Ao todo foram feitas cinco entrevistas de História Oral de Vida, seguindo o roteiro semiestruturado básico apresentado pela publicação do Museu, sendo duas dessas entrevistas feitas na escola com a presença e colaboração dos estudantes. As entrevistas eram conduzidas pelo professor-pesquisador, sendo abertos momentos para blocos de perguntas para os estudantes. Os momentos de realização das entrevistas foram interessantes tanto pelas informações trazidas pelos depoentes como pela interação dos estudantes, que fizeram perguntas que o pesquisador não percebeu no momento que seriam pertinentes, além da atenção dada pelos estudantes a este momento.

As demais entrevistas para o Projeto foram feitas fora do espaço escolar pois os depoentes por diferentes motivos não poderiam comparecer à escola, seja por questões de saúde como uma das depoentes que tinha mais de um século de vida, que foi entrevistada em sua própria casa somente com o pesquisador, e dois ex-habitantes do município que aceitaram ou se voluntariaram mas que residiam distantes da sede do município, e tendo em mente o valor dos depoimentos, foram abertas essas exceções.

A etapa de “Construir Histórias” de acordo com o material da Tecnologia Social da Memória (MUSEU DA PESSOA, 2009), consiste em reunir o material coletado, as

entrevistas de História Oral de Vida, fotografias ou outras fontes cedidas pelos depoentes e fazer o trabalho técnico, digitalizando, catalogando, conseguindo a assinatura dos termos de autorização de uso e também transcrevendo as entrevistas. A escolha do pesquisador-professor nesse momento foi dividir a turma em duplas e trios para que fossem feitas as transcrições das entrevistas feitas na escola.

A etapa de “Socializar Histórias” foi vivenciada através da escolha de um tipo de produto a ser socializado com a comunidade, neste caso sendo um e-book contendo as Histórias de Vida registradas. Enquanto o material coletado segue em edição para que saia a publicação no formato escolhido pela turma, foi criado o perfil do Instagram “Projeto Memórias de Salóá” (@projetomemoriasdesaloe) onde estão sendo compartilhadas algumas fontes coletadas e trechos dos depoimentos.

Resultados e Discussão

Podemos explicar os resultados alcançados a partir de dois pontos: o primeiro deles acerca da implementação da Tecnologia Social da Memória, e um segundo a partir dos resultados obtidos da aplicação desta e como eles podem ser dialogados com a pesquisa e o ensino de História, em especial da História Local.

Acerca da implementação do curso-base e da Tecnologia Social da Memória, percebemos como desafios as questões estruturais da própria escola, como a ausência de uma sala de aula própria para a vivência das atividades do curso, de forma que estas ocorreram dentro do espaço da biblioteca ou do auditório, o que dificultava uma relação de maior proximidade com a turma em termos interpessoais, o que é importante na medida em que os estudantes interagem mais quando se sentem mais próximos do professor em um ambiente menos impessoal.

Além disso, foram desafiadoras algumas características da própria atividade, que sendo vivenciada de forma voluntária pelos participantes e evitando impactos negativos, era permitido aos estudantes faltar sempre que necessário aos encontros, o que fez com que alguns viessem a poucos deles ou faltassem em grande parte das aulas teóricas ou na realização das entrevistas. Além disso, por parte dos estudantes houve uma dificuldade em compreender o formato do curso e sua relevância, visto que uma parte destes estavam participando para não frequentarem outras atividades simultâneas em sala de aula, ou focavam apenas no aspecto avaliativo e na certificação que seria entregue ao final e menos nos impactos sociais ou aprendizado proposto pelo curso.

Indo para aspectos positivos da realização, percebemos que os estudantes tiveram diferentes momentos de engajamento, seja na identificação de patrimônios do município quando foram feitas essas discussões, seja nas perguntas realizadas ao longo das aulas e durante as entrevistas, além das próprias conversas fora dos momentos de aula, quando por vezes foram utilizando conceitos passados em aula para falar sobre eventos cotidianos ao seu redor, como os patrimônios da zona rural derrubados para a construção de torres de energia eólica.

Ainda em relação ao uso da Tecnologia Social da Memória em ambiente escolar, percebemos uma boa possibilidade educativa a médio e longo prazo, de forma que com o acervo coletado poderiam ser feitas diferentes atividades educativas como a transcrição das entrevistas, a catalogação das imagens, digitalização do acervo, produção de conteúdo para a rede social ou mesmo atividades que mobilizassem a postura crítica e o confronto com outras fontes, ou a própria continuidade das entrevistas e elaboração dos produtos, já que além de e-books poderiam ser podcasts, documentários, exposições presenciais, virtuais, entre outras.

Nesse ponto vale mencionar que a entrega das transcrições não atendeu às expectativas desejadas, o que poderia ter sido diferente se houvesse mais tempo de preparação da turma para isso, o que pode ser incluso no primeiro momento de caráter teórico e trabalhado com exercícios similares antes da transcrição pedida de forma mais séria, o que também corrobora com a nossa observação de que essas atividades têm potencial a longo prazo. Além disso, existem os acervos que os estudantes não tiveram acesso diretamente, pois as atividades com a turma já tinham chegado ao fim.

Percebemos também que a realização do Projeto dentro do cotidiano escolar requer disponibilidades diversas, de espaço, de vontade dos estudantes e do professor em trabalhar com essa metodologia, mas que também podem ser abertos outros caminhos para isso, concorrendo a editais de cultura como os da Lei Paulo Gustavo e Aldir Blanc por exemplo, onde a Tecnologia e suas etapas poderiam ser desenvolvidas agora com custeio e incentivo financeiro, mobilizando até outros participantes e instituições.

Em relação aos resultados de produção de conhecimento histórico e ensino de História Local, produzimos um material que poderá ser utilizado por futuros pesquisadores do município, estudantes e professores que queiram trabalhar sobre a História e o Patrimônio local, indo além do que consta nos sites consultados, que trazem uma narrativa centrada na experiência de poucas famílias e em dados numéricos ou

geográficos que pouco permitem que os estudantes e a própria população se enxerguem como participantes da História, aspectos mencionados por autores que também discutem o Ensino de História Local (FONSECA, 2003; CERRI, 2008)

No município de Saloá não encontramos nenhum arquivo público disponível para pesquisar a história do município, de forma que o acervo que reunimos e que será socializado com a comunidade será uma primeira iniciativa mais comprometida nesse sentido. Além disso, ao coletar os depoimentos construímos um acervo diversificado e relevante, na medida em que conforme o tempo passa as pessoas se vão e levam junto as suas memórias, além de que o uso de fontes em acervo pessoal possibilita a organização de acervos inéditos e amplos como nos disse Raphael Samuel (1990).

Entre as entrevistas que realizamos também tivemos uma amostra diversa, sendo um deles um senhor que trabalhou como locutor, uma dona de casa aposentada, um ex-vereador, um Frei que teve atuação em prol do Patrimônio em um povoado do município e um artesão, coisa que além de dialogar com os autores mencionados acima sobre a necessidade de uma História Local mais plural, é também característica das produções do Museu da Pessoa que constroem projetos de memória com diferentes instituições e segmentos sociais, optando com frequência por uma visão diversificada nesses projetos.

Durante a pesquisa percebemos que apesar de algumas iniciativas dispersas e de curto alcance em preservar as memórias e falar sobre a História do município, concordamos com Lucchesi (2014), Noiret (2015) e Maynard (2016) que o historiador e professor de História devem se apropriar dos meios digitais, ocupando um papel de mediador dessas memórias em rede, que muitas vezes estão dispersas e trazem um ponto de vista individual que precisam ser articuladas com os contextos mais amplos e não se bastam para construir uma interpretação histórica mais refinada.

Desta forma, o historiador atuando como mediador da História e das Memórias em rede pode contribuir com seu saber técnico, ao se atentar para um trabalho de preservação, identificação e catalogação das fontes socializadas, coisa que muitos projetos realizados por não-historiadores não se preocupam na maioria das vezes. E voltando aos efeitos pedagógicos, utilizar a Tecnologia Social da Memória proporciona que estudantes e professores vivenciem outro formato de educação, menos centrado nas posições de fala e escuta e mais voltado para a produção, onde todos atuam juntos, com os docentes coordenando as atividades mais do que tendo uma abordagem expositiva.

Também vale mencionar que a partir da realização das entrevistas é possível como foi no nosso caso identificar patrimônios existentes e também os extintos (ou os que estão em risco de extinção), como a antiga rodoviária do município que segundo os depoentes era um elemento marcante da cidade e que não deveria ter sido demolida, as bandas de pífano, grupos de reisado e o trabalho das louceiras, que também já não existem mais, mas estão registrados nos depoimentos e também nas fontes encontradas. Assim é possível além do estudo mobilizar ações dentro da própria comunidade, visto que a preservação do Patrimônio requer que ele seja visto como tal.

Além disso, os depoimentos revelaram diversos temas que poderiam ser ampliados e outras pessoas que poderiam ser entrevistadas, mostrando que há muito a ser explorado dentro da História Local. Entre os depoimentos soubemos de coisas inéditas para todos ali presentes, como a existência de cinemas no município que hoje já não dispõe de nenhum, sobre a origem de eventos e práticas culturais existentes no presente ou que ficaram no passado, mesmo que tomando essas memórias como indícios e fontes, que como tal precisam ser olhadas de forma crítica e confrontadas (JOUTARD, 2006; ALBERTI, 2008; FERREIRA, 2012).

Entre os relatos dos depoentes percebemos como também afirmam outros autores (SAMUEL, 1990; CERRI, 2008; CAVALCANTI, 2018) que existem diferentes formas de habitar os mesmos espaços, e que seria um erro tomar as experiências de algumas parcelas como representativas do todo, a exemplo da depoente que foi uma das primeiras moradoras do município, mas que chegou até ele já adulta após se casar, e mesmo sendo a entrevistada mais velha não teve muito a compartilhar sobre o município por ter tido uma vida mais doméstica, diferente dos outros depoentes.

Além disso, a socialização do material colhido a partir da página do Instagram também gerou efeitos interessantes, como a interação do público nas publicações, de forma que na primeira semana o perfil alcançou mais de 2 mil visualizações, havendo desejo de colaborar com suas próprias fontes ou mais interessante ainda: retificando informações trazidas a partir de outros acervos.

Conclusão

A partir de José D'Assunção Barros (2019) entendemos que vivemos em um mundo em transformações nesse começo do século XXI que colocam novas demandas para os historiadores, entre elas novas aproximações disciplinares e educativas, e

também nas novas aproximações que se podem fazer possíveis entre História e Informática, História e Patrimônio, História e Museologia e Memória Social.

Também concordamos com Paulo Freire (1996) que a práxis, a associação entre teoria e prática é importante para não apenas pesquisar e compreender a educação, mas agir na realidade. Entendemos que o fazer acadêmico não deve resultar apenas na publicação das dissertações e teses em repositórios, mas que para além disso, a pesquisa também pode beneficiar e trazer resultados para a sociedade.

Aplicar a Tecnologia Social da Memória em uma investigação sobre ensino e pesquisa em História Local resultou na construção de saberes escolares, na preservação de fontes inéditas, em desconstrução de narrativas para uma possível releitura da História Local, e em discussão acadêmica que mobiliza a teoria sem estar deslocada da prática. Pensamos que esses são caminhos para uma educação onde os sujeitos se vejam e se sintam participantes da História, e não só na posição de espectadores, em que a História tem a ver com o presente vivido e não fale só daquilo que está geográfica e temporalmente distante (FERNANDES, 1995; CERRI, 2007).

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. cap. 5, p. 155-203.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. DE. UM QUASE OBJETO: algumas reflexões em torno da relação entre história e região. Em: LEAL, M. DAS G. DE A.; FARIAS, S. O. (Eds.). **História Regional e Local III**, reflexões e práticas nos campos da teoria, pesquisa e do ensino. 1. ed. Salvador: EDUNEB, 2015. p. 37-62.

BARROS, José D'Assunção. Seis desafios para a historiografia do novo milênio. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 21, n. 33, p. 248-292, 2019. DOI 10.5752/P.2237-8871.2020v21n33p248-292. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/21827/17061>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?**. São Paulo: Ática, 2007. 72 p.

CAVALCANTI, E. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 13, p. 272-292, 2018.

CERRI, L. F. OS CONCEITOS DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E OS DESAFIOS DA DIDÁTICA DA HISTÓRIA. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133>. Acesso em: 24 nov. 2024.

CERRI, L. F. Cidade e identidade. Região e Ensino de História. **Temas e Questões para o Ensino de História do Paraná**, n. 1a, p. 27-42, 2008.

COSTA, A. História Local. Em: FERREIRA, M. DE M.; OLIVEIRA, M. M. D. DE (Eds.). **Dicionário de Ensino de História**. 1a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019. p. 132-136.

FERNANDES, J. R. O. Um Lugar na Escola para a História Local. **Ensino em Re-vista**, v. 4, n. jan/dez, p. 43-51, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. cap. 9, p. 169-186.

FONSECA, Selva Guimarães. O Estudo da História Local e a Construção de Identidades. In: FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**: Experiências, reflexões e aprendizados. 8. ed. Campinas: Papirus, 2003. cap. 10, p. 153-162.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 166 p.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. cap. 5, p. 43-64.

LUCCHESI, Anita. Conversas na antessala da academia: o presente, a oralidade e a história pública digital. **História Oral**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 39-69, 2014. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/341>. Acesso em: 27 jul. 2024

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Passado Eletrônico: Notas sobre a História Digital. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 103-116, 2016. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/726>. Acesso em: 26 jul. 2024.

MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia Social da Memória**: Para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. 1. ed. São Paulo: Fundação Banco do Brasil, 2009. 100 p. Disponível em: <https://museudapessoa.org/wp-content/uploads/2021/06/Livro-Tecnologia-Social-da-Memoria.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Vania Catani. Roteiro: Eliane Caffé, Luiz Alberto de Abreu. Fotografia de Hugo Kovenski. [S. l.]: Gullane, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WkTTITex2RE>. Acesso em: 29 nov. 2024.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.18225/liinc.v11i1.797>. Disponível em: <http://www.ibict.br/liinc>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PAIM, E. A.; PICOLLI, V. Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios. **História & Ensino**, v. 13, n. 1, p. 107–126, 2007.

SAMUEL, R. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 19, p. 219–243, 1990.